



## **Experiências sobre o ensino da escrita cursiva para pessoas cegas em Santarém-PA**

### **Experiences on teaching cursive writing to blind people in Santarém-PA**

Marlene Caroline Vieira da Silva<sup>1</sup>

Naira Taís de Sousa<sup>2</sup>

Hector Renan da Silveira Calixto<sup>3</sup>

#### **RESUMO**

Este artigo trata-se de um relato de experiência sobre um trabalho desenvolvido através de oficina prática, com duas pessoas cegas, estudantes da rede pública de ensino, atendidos pelo Atendimento Educacional Especializado das escolas a qual estão matriculados, residentes em Santarém. O objetivo do trabalho foi desenvolver e estimular a escrita cursiva dos participantes da oficina, visando sua afirmação de pessoa cidadã alfabetizada diante da sociedade. Participaram da oficina, 02 jovens, homem e mulher, com idades entre 20 e 25 anos. A oficina foi realizada em três dias no mês de junho de 2022, na sede da Associação Santarena para Inclusão das Pessoas Cegas e com Baixa Visão (ASSIC). Durante a realização da oficina, foram levantadas as principais dificuldades que os jovens tinham sobre como aprender a escrita cursiva para conseguir obter uma assinatura legível em seus documentos de identificação e demais ocasiões que possam exigir-lhes uma assinatura, sendo esclarecidas no decorrer da oficina, conforme iam avançando a prática. Foram criados materiais didáticos acessíveis, utilizando o método de alto relevo para que, de forma sensorial, pudessem se familiarizar com os tipos de traçados de linhas e formas geométricas e, conseqüentemente, com as letras do alfabeto em suas diversas formas, criando um mapa mental, para assim iniciar o processo de escrita cursiva. Para cada participante, foi elaborado um caderno de treinamento que foi utilizado durante a oficina, presencialmente, e nas atividades assíncronas. Ao final da oficina os alunos grafaram suas assinaturas em escrita cursiva com êxito. Os resultados desta pesquisa nos mostraram a necessidade de fomentar nas instituições que trabalham com educação especial no município de Santarém, projetos de ensino

---

<sup>1</sup> Graduada em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). E-mail: [marlene.caroline95@gmail.com](mailto:marlene.caroline95@gmail.com). Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0005-4104-7950>.

<sup>2</sup> Graduada em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). E-mail: [tais.sousa.stm@gmail.com](mailto:tais.sousa.stm@gmail.com). Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0005-2863-8625>.

<sup>3</sup> Doutor em Educação na Amazônia pela Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa); Mestre em Educação, Cultura e Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Licenciado em Pedagogia, Educação Especial e Letras-Libras. Professor de Libras no Instituto de Ciências da Educação (ICED), na Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). Líder adjunto do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Educação de Surdos (GEPES), da Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). E-mail: [hector.calixto@ufopa.edu.br](mailto:hector.calixto@ufopa.edu.br). Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-4227-6625>.



## Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

na perspectiva da inclusão, autonomia e reabilitação das pessoas cegas na sociedade.

**Palavras-chave:** Escrita cursiva; Autonomia; Pessoa cega; Assinatura.

### ABSTRACT

This article is an experience report about a work developed through a practical workshop, with two blind people, students of the public education network, assisted by the Specialized Educational Service of the schools in which they are enrolled, residing in Santarém. The objective of the work was to develop and stimulate the cursive writing of the workshop participants, aiming at their assertion as literate citizens in society. Two young people, male and female, aged between 20 and 25 years participated in the workshop. The workshop was held over three days on June, 2022, at the headquarters of the Associação Santarena for the Inclusion of Blind and Low Vision People (ASSIC). During the workshop, the main difficulties that young people had on how to learn cursive writing to obtain a legible signature on their identification documents and other occasions that may require a signature were raised, being clarified during the workshop, as the practice progressed. Accessible teaching materials were created using the high relief method so that, in a sensorial way, they could become familiar with the types of line tracing and geometric shapes and, consequently, with the letters of the alphabet in their various forms, creating a mental map, to start the cursive writing process. For each participant, a training notebook was prepared and used during the workshop, in person, and in asynchronous activities. At the end of the workshop, the students successfully wrote their signatures in cursive writing. The results of this research showed us the need to encourage, in institutions that work with special education in the municipality of Santarém, teaching projects from the perspective of inclusion, autonomy and rehabilitation of blind people in society.

**Keywords/Palabras clave:** Cursive writing; Autonomy; Blind person; Signature.

### CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Nos últimos anos, com os avanços tecnológicos da Era Digital - período abarcado desde o final do século XX -, a prática da escrita sofreu uma enorme transformação. Esse fato ocorreu devido estarmos cada vez mais inseridos no mundo digital. Pois a todo instante, estamos imersos a inúmeros meios tecnológicos digitais de comunicação que buscam oferecer informação, tanto para obter quanto para repassar as mesmas, a respeito de determinado conteúdo com apenas alguns “clicks” no teclado do computador, celular ou *tablet*, substituindo, assim, a escrita cursiva à mão.



## **Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Na área da Educação, também podemos observar a inserção desses recursos tecnológicos, mais especificamente na Educação Especial, devido ao uso de *softwares* avançados como leitores de tela ou sistemas adaptados para a inclusão de pessoas com deficiência, que contribuem para o acesso à informação com agilidade.

Diversos recursos das novas tecnologias digitais contribuíram para a acessibilidade desse público, neste caso destacamos as pessoas cegas, assim também como os de recursos de Tecnologias Assistivas (TA), que surgiram para ampliar o acesso das pessoas com deficiência visual na sociedade contemporânea. Entre eles podemos citar: guia de assinatura, bengalas, Sistema Braille, audiodescrição, leitores de tela, dentre outros.

É comum a pessoa cega utilizar-se desses novos recursos tecnológicos, como os citados anteriormente, para o desenvolvimento de suas tarefas do cotidiano. Porém, quando se trata do exercício da cidadania, o sujeito cego, por vezes, não tem a oportunidade de criar e fazer o uso da própria assinatura à tinta em letra cursiva, por exemplo, em documentos, cartórios, bancos, o que pode ocasionar constrangimento ao assinar apenas com a impressão digital.

Haja vista que, a pessoa com deficiência visual é alfabetizada pelo Sistema Braille e, portanto, é um sujeito alfabetizado, pode construir sua própria assinatura desde que lhe sejam oferecidas possibilidades de obtê-la. Desse modo, a pessoa cega, ao possuir uma assinatura em letra cursiva para preencher documentos ou tê-la autenticada em cartório, poderá fazer uso dos seus direitos como cidadão alfabetizado, proporcionando a esses sujeitos autonomia, autorrealização e responsabilidade, além da igualdade de direitos.

O ato de não assinar o próprio nome ou assinar apenas com a impressão digital, remete, entre esses sujeitos, a um sentimento de desvalorização e inferioridade, ao serem vistos como pessoas não-



## **Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

alfabetizadas (CAMPOS, 2017), que nos traz a reflexão acerca das lutas pela igualdade de oportunidades ao longo dos anos, para que sejam reconhecidos pela sociedade como cidadãos de direitos.

Vale ressaltar, ainda, que as instituições de ensino devem oferecer aos seus alunos com deficiência o Atendimento Educacional Especializado (AEE), que deve complementar e/ou suplementar a formação dos alunos com deficiência, visando à autonomia e independência dentro e fora dos espaços escolares.

Durante trabalho voluntário na Associação Santarena para inclusão das pessoas cegas e com baixa visão (ASSIC), observamos em duas pessoas cegas que são estudantes da rede pública de ensino de Santarém-PA, a necessidade destes indivíduos em assinar seu nome em tinta, pois nos espaços especializados onde eram atendidos pelos programas de AEE, essa oportunidade não era oferecida.

Além disso, os alunos cegos participantes desta pesquisa se ressentiam de assinar com a impressão digital documentos necessários para a vida cidadã. Dessa forma, evitavam “tirar” os documentos civis por não aceitarem identificar-se como pessoa não alfabetizada, pois através do Sistema Braille ou outros equipamentos de tecnologias assistivas, se sentiam capaz de dominar a ortografia da língua portuguesa e, associados a outros conhecimentos, conseguiram avançar nos estudos, sendo que um dos participantes cursa o último ano do ensino médio e o outro cursa a terceira etapa da Educação de Jovens e Adultos do ensino fundamental.

Portanto, a partir dessas observações, buscamos compreender as dificuldades que as pessoas cegas residentes em Santarém vêm apresentando para assinar seu nome em tinta e assim comprovar sua condição de pessoa alfabetizada. Assim, planejamos e produzimos uma oficina prática a fim de proporcionar o aprendizado da escrita cursiva, e conseqüentemente pudessem grafar suas assinaturas para



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

utilizá-las em seus documentos oficiais e quaisquer outras ocasiões que sejam necessárias.

## **A EDUCAÇÃO DE PESSOAS CEGAS NO BRASIL**

A trajetória das pessoas com deficiência ao longo dos tempos, foi marcada por grande descaso, preconceitos e desconhecimento. Como afirma Roma (2018), nas sociedades primitivas, as pessoas com deficiência eram vistas como sujeitos que mereceram algum tipo de punição dada pelos deuses e, por isso, nasceram com deficiência, e, assim, elas aceitavam como verdade, tornando-se sujeitos excluídos do meio social por serem diferentes dos indivíduos ditos normais.

As pessoas com deficiência cognitiva, física e sensorial sempre existiram na sociedade, mas não havia a compreensão, de forma mais profunda, sobre a realidade desses indivíduos, pouco se conhecia a respeito da condição de vida deles. Roma (2018, p. 3) ainda ressalta que:

Historicamente a sociedade reservou às pessoas com deficiência um lugar marcado pela discriminação e segregação, onde, geralmente, prevalece um jogo contraditório, em que são consideradas normais quando lhes são atribuídas características especiais legitimadas pela configuração da diversidade humana e ao mesmo tempo anormais, por não atenderem às exigências dos padrões culturais relacionados à forma de organização social vigente.

Para a pessoa com deficiência visual, a mudança no paradigma vivenciado anteriormente, começa a ocorrer a partir dos séculos XVIII e XIX, com a criação da primeira escola para cegos em Paris, o Instituto Real dos Jovens Cegos, fundada por Valentin Haüy, com intuito de educar as pessoas com deficiência visual, possibilitando a elas acesso ao conhecimento, que, inicialmente, se dava por meio da leitura, pois ainda não existia um método que permitisse a escrita individual.



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**  
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

[...] no campo da deficiência visual, por exemplo, a escola de cegos criada por Hauy, em 1784 – que, além do ensino da escrita por meio de letras em relevo, continha em seu currículo disciplinas com aritmética, geografia e música [...] (SOARES, CARVALHO, 2012, p. 17).

O instituto foi pioneiro, mas a sua implantação foi seguida do surgimento de outros institutos pelo mundo, como é descrito por Silva (1986 *apud* MAZZOTA, 2011):

Com o passar dos anos o seu sucesso foi tão grande que Haüy acabou sendo convidado a comparecer à corte de Luiz XVI para fazer uma detalhada exposição quanto ao empreendimento, um pouco antes da eclosão da Revolução Francesa que desacelerou ou eliminou muito do que fizera antes a França com o apoio da nobreza. Mas, logo após a regularização da vida do país, novas escolas para cegos foram abertas. E isso aconteceu também em diversos outros países da Europa, quase todas elas seguindo o novo modelo apregoado por Haüy. Os exemplos mais positivos dessas escolas foram as de Liverpool em 1791, de Londres no ano de 1799 e, já no século XIX, de Viena em 1805 e de Berlim em 1806 (SILVA, 1986, p. 256, *apud* MAZZOTTA, 2011, p. 19).

O Instituto teve como aluno Louis Braille, o futuro criador de uma invenção que revolucionaria o conhecimento acerca da escrita para cegos, o Sistema Braille (SOARES, CARVALHO, 2012).

O Sistema Braille surgiu, inicialmente, a partir de uma ideia criada por Charles Barbier, oficial do exército francês. Tratava-se de um código noturno militar, elaborado com uma combinação de doze pontos em relevo que simbolizavam a escrita fonética. O objetivo desse código era a possibilidade de transmitir mensagens entre os oficiais militares para planejar os próximos passos das tropas nas campanhas de guerra. Não obtendo êxito com sua criação, Barbier decidiu, então, levar seu invento para o Instituto Real dos Jovens Cegos de Paris, para ser experienciado pelos alunos.



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**  
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

O código de Barbier, expresso por pontos salientes que representavam os 36 sons básicos da Língua Francesa, despertou logo a atenção de alguns professores do Instituto e, em pouco tempo, começou a ser utilizado pelos alunos. Um desses alunos foi um jovem de 20 anos que não tardou em ver na invenção do militar um enorme potencial de se transformar num sistema que viesse a atender a todas as necessidades de comunicação escrita dos cegos. Foi assim que, em 1829, Louis Braille apresentou à sociedade francesa o sistema de leitura e escrita que abriu os horizontes da educação de cegos a todas as áreas do conhecimento (IBC, 2019, n.p.).

Desse modo, em 1829, criou-se o Sistema Braille, baseado no invento de Barbier e aperfeiçoado por Louis Braille, tornando-se um código universal de leitura tátil e escrita, no qual utiliza-se 6 pontos em relevo alinhados em 2 colunas que, quando combinados, formam letras, números e sinais, tanto para a produção de textos, cálculos matemáticos, como na música e até na informática (MAZZOTA, 2011).

A criação do Sistema Braille foi um marco importante para a educação e integração das pessoas cegas na sociedade. Por meio desse Sistema, é possível ler e escrever, como também compreender a relevância da escrita como meio de comunicação no contexto social.

A atenção ao atendimento educacional das pessoas cegas iniciou no Brasil em 1854, com a inauguração do Instituto Imperial dos Meninos Cegos, idealizado por José Alvarez de Azevedo, que ao estudar no Instituto Real dos Jovens Cegos de Paris em sua infância e adolescência, obtendo o contato com o sistema de escrita em Braille, apresentou à Dom Pedro II a ideia de fundar uma instituição com o mesmo objetivo no país. Funda-se, então, o instituto por meio do Decreto Imperial nº 1.428, de 12 de setembro de 1854. Em maio de 1890, pela mudança do governo para uma estrutura republicana, foi alterado o nome para Instituto Nacional de Cegos, por meio do decreto nº 408 de 1890. No ano seguinte, em 1891, por meio do Decreto nº



## **Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

1.320, o nome do instituto mudou novamente, em homenagem ao ex-professor de matemática e ex-diretor, Benjamin Constant Botelho de Magalhães, passou a denominar-se Instituto Benjamin Constant (IBC) (MAZZOTA, 2011). O Instituto está localizado no Rio de Janeiro, que por muito tempo foi a principal instituição na América Latina, referência na educação de cegos.

Atualmente, o IBC, é uma das principais instituições que promovem o debate acerca das políticas e diretrizes sobre a educação especial no país, ainda que mantenha um modelo de educação especial segregada, a fim de promover a este público, ensino de qualidade, pois neste modelo, as especificidades da pessoa cega são mais passíveis de serem respeitadas (IBC, 2019).

Assim, atualmente, a inclusão da pessoa cega, no processo escolar pode se dar das duas formas, seja ela em regime especial, como no IBC, ou a partir da escola regular com suporte do AEE, previsto no artigo 58 da Lei de diretrizes e bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996) e na Lei Brasileira de Inclusão (LBI), nº 13.146/2015 (BRASIL, 2015), com a oferta do Sistema Braille, recursos de tecnologias assistivas, entre outros, a fim de estimular e ampliar as habilidades funcionais dos estudantes promovendo sua autonomia socioeducativa (BRASIL, 2015). Entre as formas de promover a inclusão da pessoa cega, no que se refere ao ensino, a escrita cursiva é um elemento que pode promover autonomia. Na seção a seguir essa questão é apresentada.

### **ENSINO DA ESCRITA CURSIVA PARA PESSOAS CEGAS**

O ensino de escrita cursiva para pessoas cegas é constituído de práticas que permitam essas pessoas uma assinatura padronizada ou uniforme capaz de constituir seus efeitos legais. Considerando o fato de a grafia em tinta ser voltada para o aspecto visual, faz-se necessário





## Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 - 1441 (Versão digital)

compreender as necessidades individuais de cada pessoa, levando em consideração a origem da cegueira.

[...] a escrita cursiva tem como meta permitir que o aluno cego escreva o seu próprio nome, dando-lhe independência e autoafirmação, tornando-o apto a assinar qualquer documento e dominar instrumentos da comunicação universal e integração social. A aprendizagem da escrita cursiva é, pois, um dos elementos que contribui para a autonomia e independência, porque através dela o aluno cego alfabetizado terá a oportunidade de assinar seu nome nas diversas situações cotidianas, evitando o constrangimento trazido pela utilização da impressão digital (SANTOS, 2007, p. 64).

Quando trabalhamos com pessoas cegas congênitas sem resíduos visuais, precisamos compreender que estes não possuem informações sobre a grafia das letras, o que requer um procedimento didático-pedagógico a partir de letras em alto relevo, para que este possa compreender a dinâmica de grafia de cada uma destas.

No caso das pessoas com cegueira adquirida já alfabetizadas, se faz necessário, primeiramente, entender suas lembranças visuais remanescentes em relação ao uso da grafia, dependendo da memória visual que este conserve, se trabalha a adequação da assinatura, considerando o nome da pessoa, no que diz respeito ao espaço ocupado no ato da assinatura.

Em ambos os casos se faz necessário o uso de instrumentos capazes de garantir o limite linear e o padrão de assinatura, para que esta exerça seus efeitos legais. Estes instrumentos podem ser “janelas” produzidas em papelão, fio barbante ou isopor, até que este uniformize a assinatura para usar o guia de assinatura, material produzido em alumínio, plástico ou outro, que deve acompanhar a pessoa cega, sempre que este precisar assinar qualquer documento.



## **Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

O ensino da assinatura baseia-se em uma metodologia aberta, flexível e individualizada, por meio da qual se aprende a escrever o nome por extenso, a rubricar e a usar um marcador ou guia confeccionado para este fim. Consiste em uma interação dialógica, centrada nos conhecimentos prévios, interesses, motivações e experiências individuais, na qual se valorizam a percepção tátil e a expressão corporal. (CAMPOS, 2006, n.p.).

Dessa forma, compreendemos que não existe manual de instrução para o ensino da escrita cursiva para pessoa cega, pois tudo depende das capacidades de assimilação de cada pessoa, uma vez que esta é única e a quantidade de nomes a serem grafados também influencia na capacidade de padronizar a assinatura, que após tornar-se uniforme, deve ser grafada com frequência pela pessoa cega assinante, pois sua grafia depende da memória que ela criará e manterá, isso porque a pessoa cega não tem acesso de modo visual a própria assinatura produzida.

### **ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA**

Este artigo apresenta como base teórica e metodológica uma pesquisa de cunho bibliográfico, embasada em autores e documentos que tratam do tema em questão, realizado a partir de estudo de caso, obtendo-se informações de forma dialogada em roda de conversa para conhecer sobre a realidade de cada participante pesquisado, desde a origem de sua deficiência até a atualidade, como também pesquisa-ação, na qual os pesquisadores podem realizar a associação da prática com a teoria e fazer a intervenção necessária para direcionar ao objetivo proposto (MENDES, 2017), com uma abordagem de carácter qualitativo, visando aprofundar o conhecimento sobre o tema apresentado, possibilitando inclusive, novas pesquisas na área dentro e fora da nossa região.



## **Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

A pesquisa foi realizada com dois estudantes da rede pública de ensino de Santarém – Pará. Um aluno está cursando o 3º ano do Ensino Médio e o outro está cursando a 3ª Etapa da Educação de Jovens e Adultos (EJA) do Ensino Fundamental e ambos são acompanhados pelo AEE das escolas nas quais estão matriculados, no entanto, mesmo atendidos por esse espaço especializado, a oportunidade de obter a assinatura formulada em letra cursiva à tinta não era oferecida. Tal fato causava constrangimento a eles em momentos de exercer seus direitos como cidadãos alfabetizados, visto que utilizam o Sistema Braille.

Assim, a partir dessa realidade, surgiu a inspiração de produzir uma oficina prática que possibilitasse o aprendizado da escrita cursiva, a fim de que os participantes conseguissem grafar suas assinaturas para utilizá-las em seus documentos oficiais e quaisquer outras ocasiões que lhes sejam necessárias.

Em um primeiro momento, realizamos uma análise bibliográfica buscando obras de autores e documentos oficiais que abordassem a temática, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB nº 9.394/96 e Lei Brasileira de Inclusão, LBI nº 13.146/2015, além de vídeos e artigos relacionados à prática de escrita cursiva para pessoas cegas, como do Projeto Assino Embaixo, no qual a autora afirma que:

[...] desenvolvido a partir da constatação de que algumas pessoas cegas, adultas, alfabetizadas e com diferentes níveis de escolaridade assinavam através da impressão digital. [...] Para elas, as pessoas cegas que não assinam são tratadas como se fossem analfabetas e passam por situações de constrangimento no momento em que vão abrir uma conta ou um crediário, ou quando não conseguem dar um autógrafo, assinar uma lista de presença, o comprovante de matrícula ou o diploma, firmar um contrato, entre outros atos de rotina. (CAMPOS, 2006, n.p).



## **Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Após a análise do levantamento bibliográfico, procedemos com o planejamento da ministração da oficina, de modo a contemplar todas as práticas observadas nos artigos e documentos e aplicá-las à realidade, buscando alcançar o objetivo proposto, fazendo com que os dois sujeitos pesquisados desenvolvessem a assinatura própria.

### **PLANEJAMENTO DAS ATIVIDADES**

Iniciamos o planejamento conhecendo os participantes, que tem seu perfil descrito a seguir com nomes fictícios, a fim de manter o seu anonimato:

Maria, 20 anos de idade, sexo feminino, residente no município de Santarém, estudante do terceiro ano do ensino médio, na Escola Estadual Madre Imaculada. Pessoa cega. Não possui resíduo e memória visual. Foi alfabetizada através do Sistema Braille. Sem qualquer grafia à tinta.

João, 21 anos, sexo masculino, residente no município de Santarém, estudante da terceira etapa do ensino fundamental da Educação de Jovens e Adultos, na Escola Estadual Ezeriel Mônico de Matos. Pessoa cega. Com algumas memórias visuais, pois perdeu a visão durante a adolescência.

Como etapa do planejamento, elaboramos materiais didáticos acessíveis, utilizando o método de alto relevo para que, de forma sensorial, pudessem se familiarizar com os tipos de traçados de linhas e formas geométricas e, conseqüentemente, com as letras do alfabeto, tanto em letra cursiva, quanto de imprensa, criando assim, um mapa mental para que, desta forma, iniciassem o processo de escrita cursiva.

Desse modo, construímos e entregamos para cada participante um caderno de treinamento que foi utilizado durante toda a oficina, e assim, utilizavam para fazer as atividades com nosso auxílio, continuando os exercícios em casa para apresentar no encontro



## **Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

seguinte para ser avaliado. Os materiais foram construídos a partir de porções de papelão, barbante, cola, tesoura, fita que foram fixados em alfabeto impresso (cursivo e imprensa), e serviram de apoio para facilitar a compreensão da escrita no papel.

A oficina foi realizada em três dias: 16, 17, e 18 de junho de 2022, na sede da ASSIC. Inicialmente, foram levantadas as principais dificuldades que os jovens sentiam em relação a aprendizagem da escrita cursiva, para obter uma assinatura legível em seus documentos de identificação e demais ocasiões que pudessem exigir-lhes uma assinatura. As dúvidas que surgiram foram esclarecidas no decorrer da oficina, conforme iam avançando a prática.

Os participantes possuem cegueira adquirida, porém um deles foi alfabetizado na Língua Portuguesa/Escrita Cursiva antes de perder totalmente a visão, e o outro participante perdeu a visão aos cinco anos, quando não havia ainda iniciado a vida escolar, portanto ambos possuem particularidades em seus aprendizados.

Partindo dessa compreensão, buscamos adaptar as atividades às suas dificuldades. No primeiro dia, realizamos uma roda de conversa com os participantes, a fim de conhecê-los e compreender as expectativas de cada um para com o aprendizado na oficina. Após esse momento, realizamos uma atividade de alongamento das mãos, para que os movimentos que viessem a realizar com a caneta esferográfica se tornassem mais leves. Alongamos todos os dedos, abrindo e fechando a mão, esticando um braço de cada vez para frente e posicionando uma mão sobre os dedos da outra para esticá-los, com movimentos dos dedos tanto para cima quanto para baixo, giramos os ombros para frente e para trás para relaxar essa região e eliminar tensões.

Feito isto, apresentamos o material aos alunos e explicamos como se daria o desenvolvimento das atividades. Primeiramente,



## **Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

entregamos para cada participante uma caneta e o material elaborado em alto relevo que apresentava imagens com traçados de linhas e figuras geométricas, além de várias folhas de papel A4 em branco, com intuito de realizarem o primeiro contato com o material que seria utilizado. Após isso, pedimos para que eles reconhecessem as linhas e figuras do material de forma falada, e, posteriormente, que fizessem a reprodução com a caneta no papel. Ao final do primeiro dia, entregamos as atividades para exercitarem em casa e trazerem no próximo encontro da oficina para avaliação.

No segundo dia, após os exercícios de alongamento, recebemos as atividades concluídas, e cada pesquisadora acompanhou um participante para que este reproduzisse de forma breve, a atividade do dia anterior, com a finalidade de averiguar se as atividades realizadas estavam sendo absorvidas com clareza pelos alunos.

Em seguida, apresentamos o alfabeto em alto relevo nas formas cursiva e de imprensa e entregamos o material de apoio para cada um, pedimos que a cada letra que eles tocassem fosse falada, com intuito do reconhecimento de cada letra. Somente um participante dessa pesquisa, já havia tido contato com o alfabeto cursivo de forma visual, pois perdeu totalmente sua visão na adolescência, desse modo, apenas lembrou as letras para fazer a associação do contato com a letra em alto relevo para a letra falada. Mesmo sabendo que um deles já conhecia as letras cursiva e de imprensa, observamos que em certos momentos, ele apresentava dúvidas a respeito da identificação da letra que estava tocando. Daí a importância de sempre praticar atividades que auxiliem no processo de memorização.

Posterior a essa atividade realizamos a escrita. Somente após o exercício oral, solicitamos que cada aluno reproduzisse as letras do alfabeto nas folhas A4 em branco, primeiramente, o alfabeto com letra de imprensa que foi elaborado de forma ampliada para facilitar sua



## **Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

identificação, e depois o com a letra cursiva. Como um dos participantes possui memória visual, devido ao fato de ter perdido sua visão total na adolescência, avançou rapidamente nas atividades propostas, então, entregamos para ele um guia de assinatura - que é um material revestido de metal com uma abertura horizontal em formato retangular, e que serve para ajudar a direcionar a assinatura da pessoa cega ao assinar em uma linha - para que ele começasse a escrever sua assinatura dentro do guia. Finalizamos este dia com a entrega de mais atividades de fixação para serem feitas em casa e para serem entregues no próximo encontro.

No terceiro dia de oficina, os participantes estavam com grandes expectativas com relação à evolução e ao aprendizado. Fizemos, inicialmente, os exercícios de alongamento inicial, importante para aliviar a tensão e preparar os membros que seriam estimulados com a escrita, esses exercícios são primordiais para não cansar a mão e prevenir dores durante a execução das atividades. Em seguida, explicamos a atividades propostas para aquele dia e tiramos algumas dúvidas que surgiram. Enquanto o participante que possui memória visual continuava a treinar sua assinatura dentro do guia, a outra participante estava aprendendo a reduzir a sua assinatura ao máximo para preencher o espaço dentro do guia de assinatura, o que requer bastante esforço e dedicação. Ao final do terceiro encontro, ela obteve com êxito a tão sonhada assinatura.

Diante disso, observamos que é importante levar em consideração todo o processo de construção para alcançar o objetivo de uma assinatura oficialmente formalizada. É preciso analisar cada detalhe dessa construção, acompanhando o desenvolvimento dos alunos. Não é necessário visar a criação de uma assinatura com traçado perfeito, mas que se forme uma assinatura legível.



## **Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Finalizamos a oficina com êxito, pois os participantes conseguiram grafar suas assinaturas em tinta utilizando o guia de assinatura, promovendo a inclusão e autonomia, tornando-os capazes de viver sua cidadania plena em qualquer espaço da sociedade.

### **“MÃO NA MASSA”**

A partir das experiências vivenciadas na disciplina Fundamentos da Educação Especial no decorrer da graduação de Licenciatura em Pedagogia, conhecemos diversos materiais para atuar no processo de ensino-aprendizagem das pessoas com deficiência; como também os atendimentos efetuados por uma das pesquisadoras no Núcleo de Acessibilidade da Ufopa – NUACES, principalmente com pessoas cegas, pois o Núcleo atende a pessoas com deficiência no Ensino Superior; em visita ao Instituto Benjamin Constant na condição de bolsistas da Ufopa por meio de mobilidade externa temporária nacional realizada por ambas, foi possível observar as metodologias utilizadas para trabalhar o aprendizado da pessoa cega de forma sensorial, como por exemplo, materiais em alto relevo. Além disso, também realizamos trabalho voluntário na Associação Santarena para Inclusão das Pessoas Cegas e com Baixa Visão – ASSIC, o que nos permitiu chegar aos sujeitos objetos desta pesquisa.

Conhecemos os dois estudantes, cegos, na sede da Associação e estes nos relataram o desejo de “tirar” seus documentos pessoais, entre eles, a carteira de identidade em assinatura grafada à tinta, pois até o momento, são identificados como não-alfabetizados em tais documentos.

A partir daí, planejamos e desenvolvemos a oficina prática intitulada “Escrita Cursiva para pessoas cegas”, com intuito de contribuir para a formação das pessoas cegas, visando sua autonomia





**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

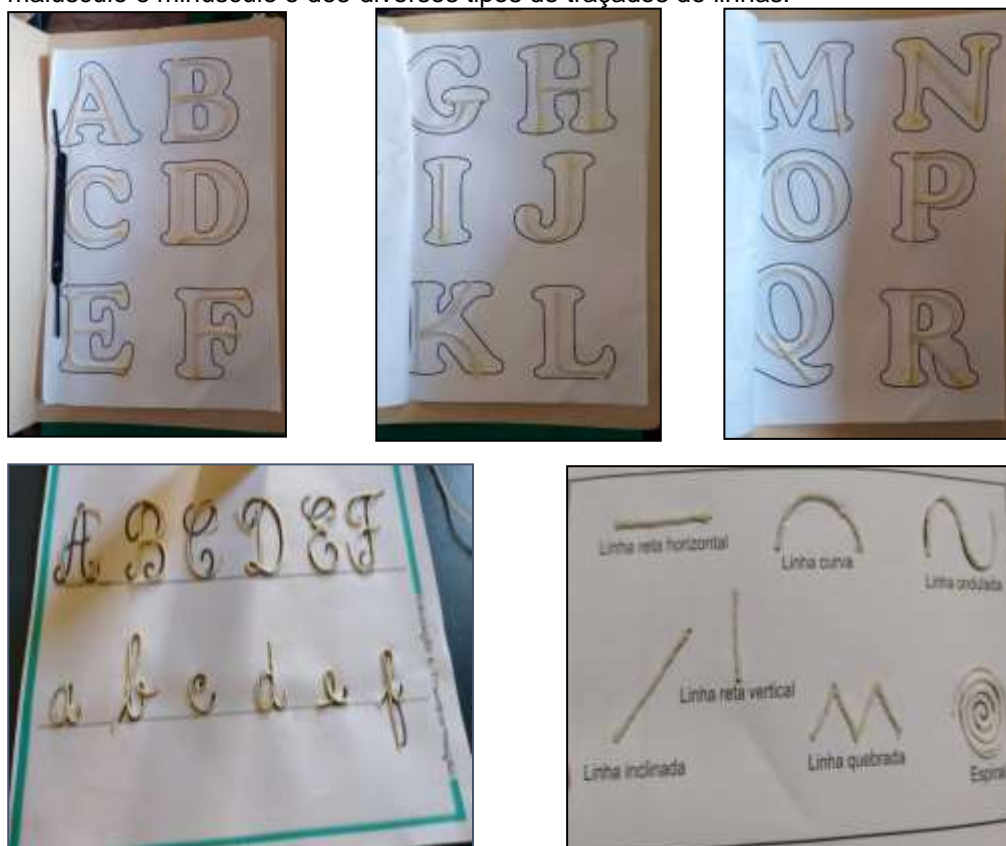
e inclusão, a partir da grafia à tinta da assinatura dos participantes.

Pois, segundo o Programa De Capacitação De Recursos Humanos Do Ensino Fundamental (BRASIL, 2001, p. 81):

Escrita Cursiva é o método utilizado pela pessoa cega para escrever seu nome de próprio punho (assinatura). O manuscrito é um recurso importante para a pessoa cega e serve para comunicação social, autonomia e independência.

Posteriormente, pesquisamos vários materiais de como trabalhar este tema, mas ainda há grande carência de material na área, entretanto a partir de alguns dos arquivos que encontramos, elaboramos materiais acessíveis e dinâmicos para atingir nosso objetivo principal, como nas imagens a seguir:

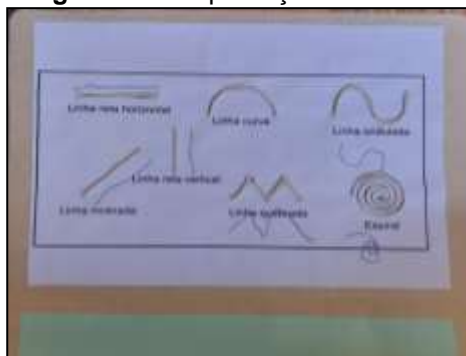
**Imagem 01** – Material em alto relevo das letras do alfabeto de imprensa e cursivo maiúsculo e minúsculo e dos diversos tipos de traçados de linhas.



Fonte: Acervo das autoras (2022).

Com os dois participantes, utilizamos a técnica de alto relevo na elaboração dos materiais desenvolvidos para a oficina. Apresentamos, primeiramente, a folha com diversos tipos de traçados de linhas, para que ao tatear, fossem se familiarizando com os possíveis movimentos que iriam traçar para iniciar a escrita. Após este reconhecimento, começaram a reproduzir em seus cadernos de treino, com caneta esferográfica, de acordo com a percepção de cada um, ainda sem limitação espacial no papel.

**Imagem 02** – Reprodução a tinta dos alunos a partir da percepção tátil das linhas.



Fonte: Acervo das autoras (2022).

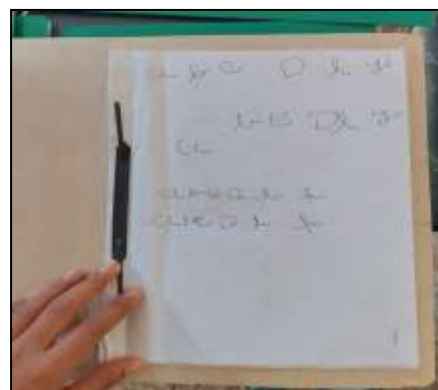
Esta etapa permitiu que os participantes se familiarizassem com a forma de segurar a caneta, de como posicionar o corpo quando se está escrevendo, dentre outros.

Na sequência, disponibilizamos a eles, o material com os dois tipos de alfabeto escrito – letras de imprensa e cursiva, maiúsculas e minúsculas, para reconhecimento e treinamento da escrita, para que no final da oficina pudessem escolher com qual tipo de letra iriam grafar suas assinaturas, pois segundo Nemoto (2021, p. 1-2):

No Brasil, não existe nenhuma lei ou regra que obrigue o cidadão a escrever de forma legível ou parecida com o próprio nome e ainda se a escrita é cursiva ou de imprensa, ou uma mistura das duas, além de poder usar só as iniciais. A única exigência é que não se pode acrescentar palavras que não estejam no registro de nascimento, como por exemplo, um apelido.

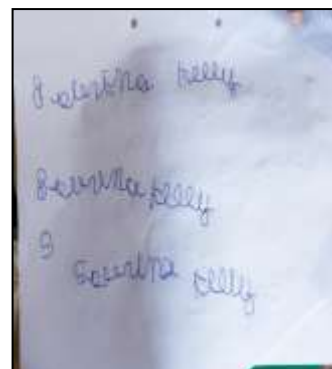
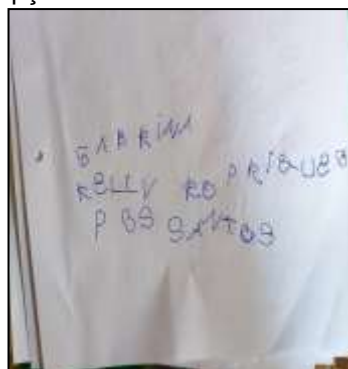
Como podemos observar nas imagens abaixo:

**Imagem 03** – reprodução a tinta dos alunos a partir da percepção das letras do alfabeto maiúsculo e minúsculo.



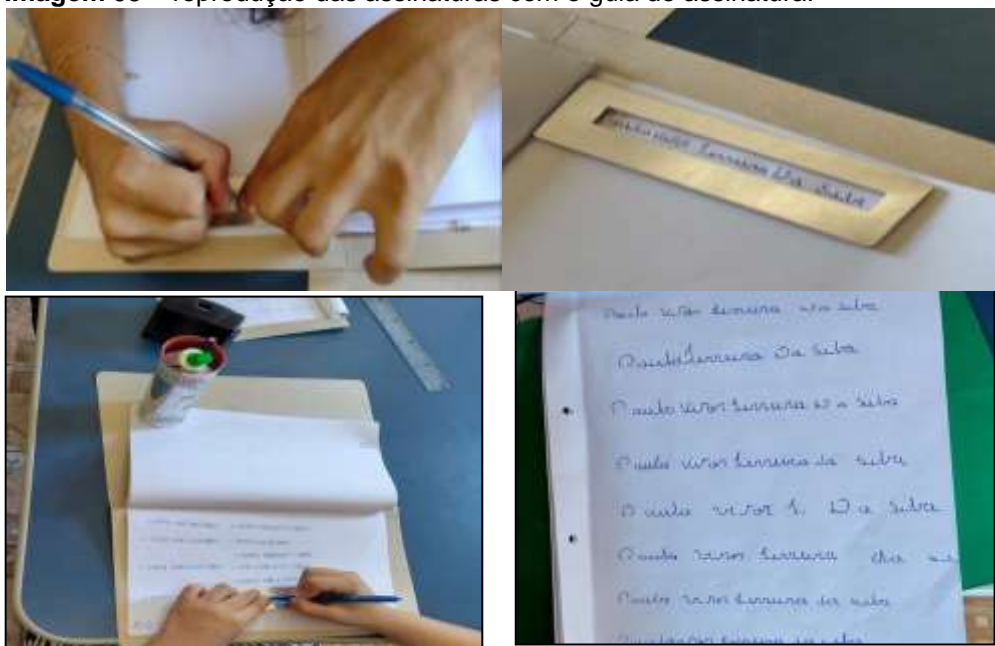
Fonte: Acervo das autoras (2022).

**Imagem 04** – Evolução da escrita em tinta realizada pelos alunos, dos nomes de cada um, a partir da percepção tátil das letras do alfabeto.



Fonte: Acervo das autoras (2022).

Diante do exposto, na etapa final, apresentamos o guia de assinatura, ferramenta que permite a pessoa cega grafar dentro de um limite de espaço linear, a sua assinatura. Cada aluno da oficina foi adaptando sua escrita conforme a percepção tátil que tiveram do alfabeto em alto relevo, fazendo com que tivessem uma assinatura minimamente legível. De acordo com as imagens a seguir:



Fonte: Acervo das autoras (2022).

Ambos os participantes da oficina obtiveram resultados satisfatórios, pois, hoje são capazes de grafar suas assinaturas, de forma a participar da vida civil como cidadãos alfabetizados, podendo assim assinar seus documentos, fichas ortográficas em caso de abertura de conta bancárias, contrato e quaisquer outros que se façam necessários dentro da sociedade.

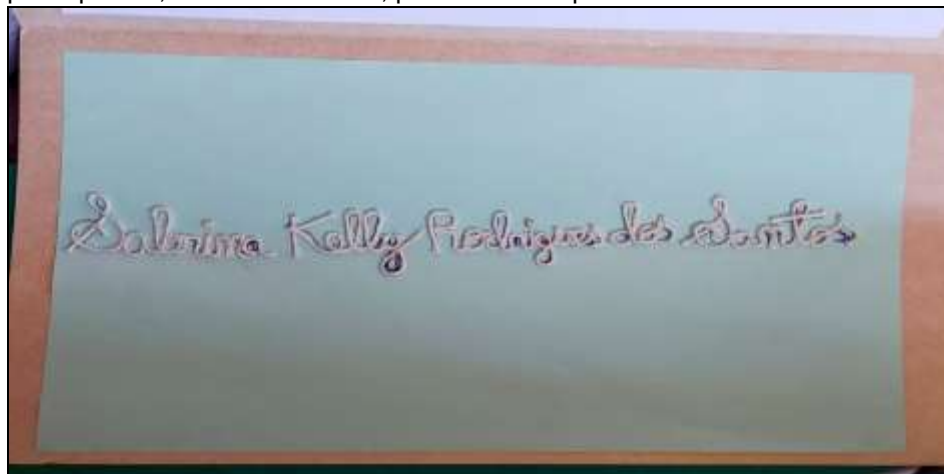
Após o encerramento das atividades, os dois alunos assinaram a ficha de frequência da oficina e receberam material que foi produzido em alto relevo com seus nomes completos para consultarem sempre que necessário, como na imagem seguinte:



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

**Imagem 06** – Entrega de material acessível com o nome completo de um dos participantes, ao final da oficina, para consulta quando necessário.



Fonte: Acervo das autoras (2022).

Em roda de conversa com os participantes foi possível observar a satisfação pessoal de cada um após finalizar a oficina com uma assinatura. Também nos relataram sobre o sentimento de frustração que carregavam consigo ao serem estudantes e não possuir grafia em letra cursiva em tinta. Contudo, mesmo com dificuldades no processo de aprendizagem na escrita cursiva, puderam praticar com os materiais adaptados para eles, respeitando a condição de pessoas cegas, e dessa forma, foram superando suas próprias expectativas com relação ao objetivo da oficina.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O desenvolvimento da presente pesquisa nos possibilitou fazer uma análise sobre o processo de inclusão das pessoas cegas na sociedade até os dias atuais. Verificou-se que, historicamente, as pessoas com deficiência, eram excluídas do meio social por serem vistas como diferentes dos sujeitos ditos normais, dentre esses, as pessoas cegas. Após muitas lutas, houve a criação de instituições e metodologias, a partir das legislações que promovem a educação como direito de todos.



## **Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Contudo, constatou-se que ainda há a necessidade de um olhar mais atento, a partir de um plano de desenvolvimento individual que considere as necessidades de cada aluno para não prejudicar sua autonomia, como se constatou entre os estudantes objetos desta pesquisa.

Ressaltamos ainda, os recursos que permitem que a pessoa cega alfabetizada exerça sua cidadania a partir de sua assinatura grafada em tinta. Identificamos que para esses sujeitos serem reconhecidos como cidadãos alfabetizados, é imprescindível ter uma assinatura escrita à tinta em letra cursiva ou de imprensa, sendo que os alunos desta pesquisa não tinham suas assinaturas formuladas, o que causava constrangimento ao ter que assinar com impressão digital, e, portanto, partindo dessa necessidade surgiu a inspiração de elaborarmos uma oficina com o tema “Escrita Cursiva para pessoas cegas”.

Os objetivos desta pesquisa foram alcançados à medida que conseguimos perceber a dedicação e evolução dos alunos em aprender por meio da metodologia aplicada, pois conseguiram identificar por meio tátil cada traçado e forma das letras dos materiais produzidos em alto relevo, segurando a caneta esferográfica de modo adequado, possibilitando a escrita com clareza das letras no papel e, conseqüentemente, do nome completo.

A execução da oficina apresentada nesta pesquisa deu-se em 3 etapas, a primeira etapa ocorreu através de levantamento bibliográfico com autores e documentos que versam sobre o referido tema. Na segunda etapa houve a organização e planejamento das atividades da oficina com a produção de material acessível em alto relevo. A terceira parte realizou-se por meio da prática com os 2 alunos cegos da rede pública de ensino de Santarém-PA.



## Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Buscamos, com essa pesquisa e com os resultados apresentados, fomentar nas instituições que trabalham com educação especial voltadas para pessoas cegas existentes no município de Santarém essas práticas, pois compreendemos que estas precisam trabalhar a reabilitação das pessoas cegas a partir de um projeto de ensino que garanta a autonomia destas pessoas, na perspectiva de sua inclusão como cidadão. Também entendemos que estas instituições precisam rever seus projetos de ensino, já que os alunos em questão, são matriculados em atividades de complementação pedagógica especializada, mas apresentam deficiências em sua autonomia por falta de práticas acessíveis que estimulem, nestes alunos, uma autonomia plena.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n. 9.394/96. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm). Acesso em: 27 jun. 2022.

BRASIL. **Lei nº. 13.146, de 6 de julho de 2015**. Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm). Acesso em: 27 jun. 2022. BRASIL. Ministério da Educação. **Programa de Capacitação de Recursos Humanos do ensino Fundamental: Deficiência Visual**. V. 3. Secretária de Educação Especial, Brasília (DF), 2001.

CAMPOS, Izilda Maria. Projeto assino embaixo: a grafia do nome e assinatura na construção de identidade das pessoas cegas. **Benjamin Constant**, n. 34, 2006. Disponível em: <http://revista.ibc.gov.br/index.php/BC/article/view/487>. Acesso em: 16 jun. 2022.

IBC. **O IBC e a educação de cegos no Brasil**. Disponível em: <http://antigo.ibc.gov.br/a-criacao-do-ibc>. Acesso em 30 jun. 2022.

MENDES, Eber da Cunha. **Métodos e técnicas de pesquisa**. Serra, ES: Centro de Ensino Superior Fabra, 2017.





**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

**NEMOTO, Edenir Alves. Experiência na orientação da assinatura para cegos.** Disponível em:

<https://www.webartigos.com/artigos/experiencia-na-orientacao-da-assinatura-para-cegos/168156>. Acesso em: 01 jul. 2022.

ROMA, Adriana de Castro. Breve histórico do processo cultural e educativo dos deficientes visuais no Brasil. **Ciência Contemporânea**, São Paulo, v.4, n.1, p.1-15, jun./dez. 2018. Disponível em:

<https://uniesp.edu.br/sites/biblioteca/revistas/20190426090505.pdf>.

Acesso em: 30 jun. 2022.

SILVA, Professora Cida. **Dicas para trabalhar a assinatura de pessoas com deficiência visual.** YouTube, 22 mai. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=E2IU-7SISzo>. Acesso em: 16 jun. 2022

SOARES, Maria Aparecida Leite. CARVALHO, Maria de Fátima. **O professor e o aluno com deficiência.** São Paulo: Cortez, 2012.

**Recebido em:** 30 de setembro de 2023.

**Aprovado em:** 30 de novembro de 2023.

**Publicado em:** 01 de janeiro de 2024.

#### **Autoria:**

Autor 1:

Marlene Caroline Vieira da Silva

Graduada em Licenciatura em Pedagogia, no Instituto de Ciências da Educação (ICED) da Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa)

Instituição: Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa)

E-mail: marlene.caroline95@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-4104-7950>

País: Brasil

Autor 2:

Naira Taís de Sousa

Graduada em Licenciatura em Pedagogia, no Instituto de Ciências da Educação (ICED) da Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa)

Instituição: Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa)

E-mail: tais.sousa.stm@gmail.com



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-2863-8625>

País: Brasil

Autor 3:

Hector Renan da Silveira Calixto

Doutor em Educação na Amazônia pela Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa); Mestre em Educação, Cultura e Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Licenciado em Pedagogia, Educação Especial e Letras-Libras. Professor de Libras no Instituto de Ciências da Educação (ICED), na Ufopa. Líder adjunto do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Educação de Surdos (GEPES), da Ufopa.

Instituição: Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa)

E-mail: : [hector.calixto@ufopa.edu.br](mailto:hector.calixto@ufopa.edu.br)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4227-6625>

País: Brasil